



Textos Literários

Categoria: Conto

 <https://doi.org/10.62009/bemviver.2764.9679n2/2025/504/p58-61>

Contos de minha casa

1 Eliane Basso   

Apresentação

Nesta obra, a memória familiar aparece como coisa viva: meio lembrança, meio invenção, meio ferida antiga. O conto acompanha uma casa povoada por figuras fortes, o pai descrente e contador de causos, a avó benzedeira e cheia de ditos, a mãe chamada por um nome que não era bem seu, os galos, os boatos, a vila, o medo e a fuga. A narrativa se move entre humor, espanto e ternura. Um mal-entendido sobre comunismo vira acontecimento de família; um eclipse atravessa o céu como sinal; um nome descoberto tarde demais muda a forma de olhar para uma vida inteira. Tudo parece simples, doméstico, quase anedótico. Mas, por baixo da graça, há algo mais fundo: o modo como uma família guarda seus mortos, seus silêncios e suas versões do passado. Com oralidade marcada e imagens muito concretas, o conto transforma lembranças familiares em matéria literária. Não busca explicar tudo. Prefere deixar que as vozes, os apelidos, as superstições e os pequenos absurdos revelem, pouco a pouco, aquilo que sustenta uma casa: força, perda, afeto e invenção. É uma narrativa sobre origem, mas também sobre apagamento. Sobre aquilo que se herda sem perceber. E sobre o instante em que um nome, finalmente encontrado, devolve grandeza a quem sempre esteve ali.

Filiação: 1 Tribunal de Justiça de Rondônia (TJRO)



Tales from my home

Category: Short story

Presentation

In this work, family memory appears as something alive: part recollection, part invention, part old wound. The short story follows a household inhabited by powerful figures: the unbelieving father, a teller of tales; the grandmother, a healer and midwife full of sayings; the mother called by a name that was not quite her own; the roosters, the rumors, the village, the fear, and the flight. The narrative moves between humor, astonishment, and tenderness. A misunderstanding about communism becomes a family event; an eclipse crosses the sky like an omen; a name discovered too late changes the way an entire life is seen. Everything seems simple, domestic, almost anecdotal. Yet beneath the grace of it all, something deeper remains: the way a family keeps its dead, its silences, and its versions of the past. With a strong oral quality and very concrete images, the short story turns family memories into literary matter. It does not try to explain everything. Instead, it allows voices, nicknames, superstitions, and small absurdities to gradually reveal what holds a home together: strength, loss, affection, and invention. It is a narrative about origin, but also about erasure. About what is inherited without being noticed. And about the moment when a name, finally found, restores grandeur to someone who had always been there.

Cuentos de mi casa

Categoría: Cuento

Presentación

En esta obra, la memoria familiar aparece como algo vivo: mitad recuerdo, mitad invención, mitad herida antigua. El cuento acompaña una casa habitada por figuras fuertes: el padre incrédulo y contador de historias; la abuela curandera, partera y llena de dichos; la madre llamada por un nombre que no era exactamente el suyo; los gallos, los rumores, el pueblo, el miedo y la fuga. La narración se mueve entre el humor, el asombro y la ternura. Un malentendido sobre el comunismo se convierte en un acontecimiento familiar; un eclipse cruza el cielo como una señal; un nombre descubierto demasiado tarde cambia la forma de mirar toda una vida. Todo parece sencillo, doméstico, casi anecdótico. Pero, debajo de la gracia, hay algo más profundo: la manera en que una familia guarda a sus muertos, sus silencios y sus versiones del pasado. Con una oralidad marcada e imágenes muy concretas, el cuento transforma los recuerdos familiares en materia literaria. No busca explicarlo todo. Prefiere dejar que las voces, los apodos, las supersticiones y los pequeños absurdos revelen, poco a poco, aquello que sostiene una casa: fuerza, pérdida, afecto e invención. Es una narración sobre el origen, pero también sobre el borramiento. Sobre aquello que se hereda sin darse cuenta. Y sobre el instante en que un nombre, finalmente encontrado, devuelve grandeza a quien siempre estuvo allí.

I. A família é forte

Não sei bem qual a origem do meu pai, mas devia ser filho de imigrantes: italianos, alemães, ou os dois. Mas sei que nasceu no Sul, sob o signo de Capricórnio. Minha avó materna, Vó Benedita — a Vó Dita —, tinha certos ditados; dizia que esse signo é o signo do bode, e com bodes não se brinca. Dizia que pior que esse é o Escorpião. Vó Dita tinha essas coisas, tinha esses cismas. Mas acredito que, na verdade, ela não fez muito gosto no casório de minha mãe com meu pai.

Meu pai, incrédulo de pai e mãe, mesmo nascido no berço da fé cristã, com nome de santo — e santo dos grandes, Antônio —, com pai e mãe beatos de sacristia, dizia que o homem basta ao homem; o resto é conversa para entreter as mulheres além dos afazeres do dia. Bradava com toda força dos pulmões: "Religião é enganação!". Apesar disso, meu pai não tinha nenhum partido político, não opinava sobre política, sobre nada; apenas não era crédulo e com isso mantinha o confronto com Vó Dita, que era parteira, benzedeira e dada às coisas dos signos, leitura das mãos e jogo de cartas.

Lembro-me, certa vez, que minha mãe falou da preocupação com essa falta de crença de meu pai. Havia desconfiança, por parte da vizinhança, de que ele era comunista — embora ninguém soubesse o que era isso. Dona Carola, esposa do dono do armazém, dizia que quem não acreditava em Deus era comunista. Minha mãe ficou muito preocupada; passou dias a fio matutando, juntando uma coisa aqui, outra ali, pensando o que seria comunista. Observou atentamente o meu pai: além da descrença dele, era falante, bom contador de anedotas e de causos sérios. Quando começava a contar uma história, tinha sempre uma plateia atenta e absorvida pela sua prosa; falava com as mãos, dava pulos e cambalhotas, imitava pessoas e animais.

Então, minha mãe presumiu: é comunista. Meu Antônio, que não é santo, o Tonho dos Galos, é comunista. Correu e logo contou para dona Carola, que contou para dona Zefinha, que contou para o marido, seu Biapino, que contou para o delegado. A vila inteira sabia da notícia.

O delegado chamou o padre Cecílio e fez toda a narrativa: foi a mulher dele que confessou, o homem é comuna, não acredita em Deus. Enquanto o padre e o delegado ponderavam o assunto lá dentro, o povo, a vila inteira, fazia romaria em frente à delegacia. No meio da multidão, minha mãe já estava preocupada. Pode ser que comunista não fosse o que ela imaginou; talvez fosse uma doença, um mal, uma coisa ruim, pois o caso terminou nas mãos das autoridades eclesial e a policial — então, boa coisa não era.

Saiu de mansinho, discretamente, e enquanto todos esperavam pelo veredicto das autoridades, ela correu para o galinheiro, onde meu pai, tranquilo da vida, cuidava dos galos. Minha mãe contou-lhe a história. Enquanto contava, aconteceu um fenômeno no céu: era dia, mas o dia virou noite. Mau sinal. Meu pai, incrédulo até aquele momento, passou a crer. E em meio ao breu do dia — e da noite que também logo caiu, mais escura que de costume —, eles, feito relâmpagos cortando o negrume, rapidamente juntaram o

que podiam e decidiram partir. Nunca souberam do veredicto do padre e do delegado. Quando o dia ia clareando, meu pai, minha mãe, minhas avós — a mãe de minha mãe e a mãe do meu pai — já estavam longe da vila. Seguiam no velho jirico, carro feito pelo meu avô Lindório, que de "lindo" tinha só o nome; era um homem feio, desengonçado, tinha o corpo maior que as pernas, era cambota, pernas tortas e braços longos que chegavam às pernas.

O pai de meu pai morreu de cirrose, mas deixou o veículo de fabricação própria. Esse meu avô era pedreiro, marceneiro, lanterneiro, mecânico, rezador, cantador de bingo na quermesse e dono de rinha de galo; e também um morto, de morte sofrida, aquela em que parte das entranhas se dissolvia de tanto álcool. Pobre do meu avô, homem de tantas habilidades, não conseguiu equilibrar os etílicos; gostava dos destilados e dos fermentados, era dado à cachaça e ao vinho. Sabia como fazer a ambos. "Depois dele, todos temos o pé no canavial e as mãos na vinha". Assim diziam os ditos da Vó Dita.

II. O nome da minha mãe

Não sei qual o nome da minha mãe. Ninguém em casa sabia. Desde a primeira semana de casamento, meu pai a nomeou: Preta, minha Preta. Talvez um apelido carinhoso, mas só sei que, a partir daí, minha mãe passou a ser a Dona Preta.

A comunidade era pequena, todos conheciam a todos, e todos sabiam da Dona Preta do seu Antônio, ou Tonho Pedreiro, ou Tonho dos Galos. Meu pai construía e gostava da rinha de galos.

E assim foi, até o dia em que ela morreu... Neste dia, olhei o documento de morte e descobri o nome da minha mãe: era Efigênia. Efigênia! Fiquei repetindo: Efigênia! Efigênia! Que nome bonito, termina com "gênia". Pensei: é isso! Que coisa esplêndida, sinônimo de gênio! E minha mãe tinha mesmo uma genialidade; como minha avó, era benzedeira, parteira, costureira, cozinheira, conselheira... sabia das coisas da terra e do céu, como a Vó Dita.

III. Meu casamento

...também perdi meu nome.

Sobre a autora:

BASSO, E.: Assistente Social do Tribunal de Justiça de Rondônia; bacharela em Serviço Social pela Universidade Estadual do Tocantins (Unitins); licenciada em Letras (Língua Portuguesa/Literaturas) pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR); Especialista em Terapia Familiar Sistêmica pelo Centro de Formação e Estudos Terapêuticos da Família (CEFATF); Especialista em Língua Portuguesa pela UNIR; Especialista em Política de Assistência Social, Gestão e Projetos Sociais pela Faculdade de Pimenta Bueno/RO (FAP); Formação em Constelação Familiar Sistêmica pelo Instituto Terra Movimento de Luz; facilitadora em Justiça Restaurativa/EMERON/TJRO. E-mail: eliane.basso@tjro.jus.br